****

**Sempre haverá consequências decorrentes de nossas opções.**

**Vigésimo sexto domingo do Tempo Comum**

Irmãs e irmãos, que a paz do Senhor esteja sempre com vocês!

Mantemo-nos ao lado de Jesus em sua caminhada catequética para Jerusalém, alimentando-nos, a cada semana, com sua rica Verdade, na construção contínua de nossa evolução espiritual. Vivenciando seus ensinamentos, convertendo sua Palavra em ações cotidianas concretas, estamos nos apresentando, não somente como seus ouvintes atentos, mas como seus verdadeiros discípulos. Somos orientados por Ele, em cada encontro, sobre o que fazer para seguirmos na construção do “Reino”. Somos enriquecidos espiritualmente por Jesus, ao longo de sua viagem espiritual, com a advertência para o apropriado valor dos bens materiais, lembrando-nos da importância da contínua vigilância sobre nossos pensamentos e ações. Ele nos chama a atenção para o universal e indiscriminado convide divino ao acesso do “Reino”, necessitando, porém, nossa sincera e determinada opção, o que nos possibilita uma vida com humildade e compaixão com o próximo, movidos, sempre, pelo amor desinteressado.

No Evangelho de hoje, Jesus apresenta mais uma parábola, desta vez aos fariseus, representando todos os que amam o dinheiro e vivem em função dele, exortando-os à importância do relacionamento compassivo com o próximo e lembrando-os das consequências inevitáveis decorrentes das ações cotidianas. Atentemo-nos, então, às divinas mensagens contidas na passagem em tela, para que possamos colocá-las em prática na nossa vida.

19Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. 20Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. 21Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. 22Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. 23Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. 24Então exclamou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama’. 25Abraão respondeu: ‘Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. 26E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós’. 27Ele replicou: ‘Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, 28pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento’. 29Abraão, porém, respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam’. 30Disse ele: ‘Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão’. 31Mas Abraão lhe disse: ‘Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão’. (Lc 16,19-31)

Mais uma vez, Jesus nos leva à reflexão a respeito de nossa relação com os bens deste mundo, lembrando-nos que eles não devem ser vistos como algo que nos pertence, aprisionando-nos a eles, conduzindo nossa vida, com o objetivo de adquiri-los de forma progressiva e possessiva, mantendo-os, sempre, como nossa propriedade exclusiva, escravizando-nos nesse processo ilusório. Nossos bens, independente de seu quantitativo, são dons de Deus e devem ser adquiridos e usados de acordo com a lógica do “Reino”, ou seja, adquiridos com honestidade e utilizados para o bem dos seres, devemos incorporá-los à lógica da partilha e da comunhão entre os irmãos, com amor, compaixão e gratuidade.

O Evangelho de hoje, dando sequência ao das semanas anteriores que vêm trazendo a catequese de Jesus ao longo de sua caminhada espiritual para Jerusalém, traz-nos a apresentação da parábola do rico e do pobre Lázaro, exclusivamente narrada por Lucas, pela qual Jesus nos propõe um diferente olhar sobre a posse dos bens.

Em que pese parecer que, *per si*, a riqueza seja um pecado, um equívoco na forma de viver diante dos ensinamentos de Cristo, o grande problema está tanto na forma de como os bens são adquiridos, como na maneira de utilizá-los em nosso cotidiano. Assim, seria o rico de nossa parábola de hoje condenado da mesma forma se o seu relacionamento com Lázaro tivesse sido diferente?

Na primeira parte da parábola em tela (vv. 19-26), os dois personagens principais da história são apresentados, seguindo um cliché literário comumente encontrado na bíblica, ou seja, um rico que vive luxuosamente e um pobre faminto, cuja vida miserável destaca-se juntamente com seus males físicos, não havendo qualquer relacionamento fraterno e compassivo do primeiro para com o seguindo. Ocorre que, pela morte de ambos tal situação é invertida, levando o rico a um inimaginável e eterno sofrimento e o pobre à paz plena e perene.

Podemos perceber que, apesar da descrição do rico envolver apenas seus bens e a forma de vida nababesca que ele leva, nenhuma informação explícita sobre seu comportamento nos é apresentada, nada sendo dito sobre sua relação com as pessoas, em especial com os mais necessitados. Porém, fica claro sua total apatia em relação ao sofrimento de Lázaro, pois ele “*jazia à sua porta, coberto de úlceras*” (v. 20), desejando “*saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lamber-lhe as úlceras.*” (v. 21). Atentemo-nos para o estado de Lázaro às portas do rico, cuja condição em nada se altera até sua morte, ou seja, nenhuma ajuda lhe foi oferecida, nenhuma acolhida lhe foi dada.

Após a morte, o rico vê-se em um lugar de intenso tormento, enquanto Lázaro participa do “banquete celestial”, juntamente com os demais eleitos, situação típica do imaginário judaico, contando com a companhia dos patriarcas e profetas. Entretanto, da mesma forma que não é explicitado o perfil pessoal do homem rico, igualmente nada nos é dito sobre a da vida de Lázaro e seu perfil pessoal, sendo descrito somente seus terríveis sofrimentos cotidianos, decorrentes da fome e das doenças que lhe acometem.

Não estaria Lucas, na história de hoje, apontando como condição determinante para o desfecho final a posse de bens, isto é, o que estabelece a diferença de destinos é a riqueza e a pobreza, independente das ações praticadas neste mundo, boas ou más? Assim, o rico conhece os “tormentos” pelo fato de ter sido rico e, distintamente, o pobre participa do “banquete celestial” por ter sido pobre e sofredor durante sua vida no mundo. Seria, então a riqueza um pecado? A posse de bens materiais corresponderia ao mau e, por si só, levaria seu possuidor aos tenebrosos tormentos?

Apesar dessa aparente perspectiva de Lucas, devemos nos acautelar quanto a tal superficial julgamento. Como já destacamos acima, o bem não carreia o mau em si, apenas por possuí-lo não quer dizer que a pessoa já seja merecedora de um julgamento condenatório; o mesmo podemos dizer de quem não o possui, ou seja, a pobreza não traz, por si só, o bem para quem a vive, não lhe garantindo um favorável julgamento simplesmente pelo fato de ser desprovido de bens materiais.

Quando Jesus nos ensina sobre os bens deste mundo, Ele não se limita exclusivamente à posse, mas sim à forma de como ele são adquiridos e o modo que, cotidianamente, são administrados.

Nenhum de nós vem ao mundo para adquirir bens, mas sim para, no caso de possui-los, compartilhá-los de forma compassiva, fraterna e gratuita. Sua aquisição não deve ser o objetivo de nossa vida, mas o meio para que possamos viver de forma amorosa e partilhada, independentemente do quanto somos deles agraciados. E mais, não devemos ver os “bens” aqui mencionados somente como o “dinheiro”, ou bens materiais, pois representam dons gratuitamente fornecidos por Deus tudo aquilo que nos “enriquece”, tudo o que constitui nosso patrimônio adquirido em nossa trajetória evolutiva, incluindo o conhecimento, o senso artístico, a inteligência e a sagacidade. Ao mesmo tempo, não devemos nos limitar à pobreza material, pois existem pobres da matéria que são extremamente orgulhosos e vaidosos, intensamente apegados ao pouco que possuem, possuindo prazeres nefastos mesmo sem participarem de luxuosos jantares. Lembremo-nos de que para ser egoísta, o homem não precisa ser rico, assim como existem ricos desapegados de seus bens, mesmo sendo mais difícil de serem encontrados.

Costuma-se dizer que a fortuna é uma das provas mais perigosas para o limitado ser humano, espiritualmente falando. Ela abre as portas, com muito mais facilidade, para os vícios e às diversas ilusões mundanas. Assim, para ser avarento, a pessoa não precisa ser rica, muito embora que os bens materiais facilitam, sobremaneira, tal postura.

Sem dúvida, os dois personagens de nossa parábola de hoje retratam com exatidão a humanidade com seus opostos, não apenas a riqueza e a pobreza de bens materiais, mas a opulência desprovida de olhar fraterno ao próximo e o abandono que sobrevive por teimosia e carente que qualquer cuidado e atenção dos demais. Vivemos o contraste entre a riqueza vestida de púrpura e linho e a miséria coberto de úlceras. O próprio nome do miserável, “Lázaro”, traz-nos em seu significado a sua realidade – “Deus ajuda”.

Percebamos atentamente, que o possuir dos bens não apresenta um problema em si, mas a forma gananciosa de obtê-los e o egoismo em como os administrar, caminhando indiferente ao sofrimento alheio e usufruindo dos prazeres com total menosprezo à sorte do próximo. Enquanto os avarentos são aprisionados pelo ter, os pobres são negligenciados de suas necessidades básicas de sobrevivência.

Nesta história, Jesus ensina que, mesmo adquirindo os bens de forma honesta e legítima, não somos donos deles, pois Deus os colocou nas nossas mãos para que sejamos transformados em seus administradores e responsáveis pela sua partilhar com os irmãos. O esquecimento de tal postura, sem dúvida alguma, gerará consequências inevitáveis, assim como todos as nossas condutas cotidianas.

Fomos ensinados, hoje, que a surdez do rico à da Palavra de Deus, exemplificada pela fala de “Moisés e os Profetas”, apesar do mundo estar repleto, há milênios, de mensageiros e mensagens divinas, é que decidiu a sua sorte, ou seja, ele não se atentou às interpelações da Palavra e, muito menos, deixou-se transformar por ela. Podemos ver no versículo final (v. 31) a expressa mensagem do texto de hoje quando nos é afirmado que, quando a Palavra de Deus não é acolhida no coração humano, nem mesmo os mais espetaculares milagres são transformadores eficazes (no caso a ressurreição dos mortos). Somente a real opção por viver a Verdade divina cotidianamente pode corrigir as equivocadas ações do indivíduo, saindo do egoísmo e abraçando a partilha, libertando-se do apego e aprendendo a comungar fraternalmente com seus irmãos. Lembremo-nos de que, o mais importante da Comunhão, enquanto vista como sacramento, não é o receber a partícula transformada no corpo vivo de Cristo Jesus, mas sim a nossa verdadeira transformação no próprio Cristo vivo em nosso meio.

Reflitamos, irmãs e irmãos, sobre os ensinamentos que hoje foram a nós apresentados.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Milton Menezes